

E uma estrelinha arde,  
Sinal de Deus, acima do horizonte.  
No esparso aroma da oração da tarde,  
Que a paz sorria e sobre mim desponte!

O poder pacificante e exaltante da poesia de António Sardinha brilhará para sempre no céu da poesia portuguesa como estrela cintilante, como Sinal de Deus, acima do horizonte!

Reconquista nº 2/3  
volume III, 1952



PUCSP

3. May 1952  
p. 4 107

Reconquista III

## "ROUBO DE EUROPA"

Arlindo VEIGA DOS SANTOS

Tornou-se noite para nós, fez-se para nós trevas o que era dia e claridades na aurora dos tempos, para os nossos primeiros pais, graças à sabedoria decorrente da Revelação Primitiva.

Refugiou-se nos mitos o saber antigo. E os mitos são nocturnos, simbólicos — dédalos profundos de sabedoria escondida — reclamando intuição penetrante, erudições doutíssimas, para desabrocharem em revelações patentes e em pasmosas luminosidades.

Mas que é um mito? Di-no-lo Mário Untersteiner: "É mito um narrado religioso, cujos protagonistas são deuses, entes divinos e heróis; decorrem no passado mais longínquo as acções deles: para os helenos, na idade anterior à invasão dórica" (*La fisiologia del mito*, Milão, Fratelli Bocca, 1945).

Assiste-nos, pois, razão de engrenar o mito na Revolução Primitiva. Sim, porque (esclarece o citado autor), se "o mito não é propriamente religião, porquanto a sua forma definitiva é um narrado, um véu que sobretudo os poetas estenderam sobre a religião", todavia "*in origine mito e religione erano identici*". E aí está o como, segundo dissemos, o mito se insere na Revelação Primitiva, dela procedendo por corrupção e desintegração.

Gnoseològicamente falando, com o mito "delineia-se uma inteligibilidade do mundo que para a mentalidade de um primitivo é totalmente satisfatória, muito mais que para o homem das idades cultas". Está ele entre a religião e a metafísica e por isso encara o mundo com um método que "não se serve das leis do pensamento pelo modo a nós costumeiro" (Dilthey,

*Einleitung in die Geisteswissenschaft*). Sucede, porém, que "entre o passado místico e o presente racional se realiza uma espécie de comunhão e continuidade, de maneira tal que se não precisam ainda as ideias de antigo e de moderno" (M. Untersteiner, p. cit.). E tão preciosa é essa linguagem dos mitos, que nos leva à crença ortodoxa da edênica Idade de Ouro no Começo da humanidade (Jardim do Edem), ao contrário da idade áurea e paraísos terreaus futuros das utopias socialistas e comunistas, herdeiras da chicana evolucionista do materialismo. "On trouve partout l'affirmation d'une unité primitive de l'humanité, la nostalgie d'un âge d'or où les hommes jouissaient en paix d'une sagesse universelle surnaturellement révélée à l'aube des jours, constituant le patrimoine original commun des fils d'Adam" (Louis Lallement, *La vocation de l'Occident*, La Colombe, Paris, 1947). O mesmo lemos em W. J. Perry (*The growth of Civilization*) e outros autores sérios e objectivos.

\*  
\* \*

Inspirou-se António Sardinha em um desses mitos para a produção do seu poema *Roubo de Europa*, publicado em Lisboa no ano de 1931 com um Estudo de Luís de Almeida Braga. Consta de 43 quadras decassílabas de rimas alternadas. O volume foi em tempos oferecido a *Pátria-Nova* pela *Junta Municipal do Porto do Integralismo Lusitano*, movimento então em plena grandeza e expansão, antes que ciumentas premissões o substituíssem por algo que não sabemos se ainda existe.

Pensámos sempre em escrever algumas palavras sobre a luminosa obra do Mestre contra-revolucionário de "ambos os hemisférios" (para usar da palavra de D. Pedro I), propósito esse eternamente adiado. Hoje, porém, contribuindo parcamente na homenagem ao saudoso lidador monárquico, saímos a campo. Verdade que o fazemos meio acanhados, após termos relido o estudo de Almeida Braga. Que mais dizer? Quando um mestre trata de outro Mestre, que poderá produzir de útil um discípulo de ambos? Vá muito embora, colhemos ânimo

para a empresa, ao passarmos os olhos por estes períodos do incansável Braga:

— "Se é certo que há artes para as quais a forma conta mais que a matéria, a verdade é que na poesia a matéria é mais preciosa do que a forma, porque é feita de pensamento e de sentimento. Onde não existe nem alto pensamento nem sentimento verdadeiro não há poesia.

"Os versos de António Sardinha são a perfeita ilustração do que digo. Se não temesse alongar esta notícia, gostava de insistir sobre O APERTADO LAÇO QUE PRENDE A POESIA DE SARDINHA AOS SEUS ENSAIOS DE HISTÓRIA, DE CRÍTICA E DE FILOSOFIA POLÍTICA (grifos nossos). Dominado pelo respeito da ordem, que constrói e conserva, ele mesmo publicou o segredo do seu jardim interior, quando, nas páginas liminares de *Ao ritmo da Ampulheta*, escreveu no tom de quem se confessa: "as nossas campanhas nacionalistas desceram das Letras à Política, — subiram da Acção à atmosfera diáfana das Ideias". Tradição política e tradição literária são anéis da mesma cadeia, reflexos da mesma verdade.

"Cantar foi ainda para Sardinha um modo de servir. Os seus versos são também *política*, no significado augusto da palavra. Fundador de cidades, — seria o título que melhor quadrava à sua ambição.

"A imagem da pátria obstinadamente o acompanha, e ela lhe disciplina a imaginação, lhe ordena a sensibilidade, o leva a emparcerar o sentimento e a razão, segundo o sentido e a forma da nossa índole nacional".

Se assim foi sempre com o insigne Mestre tradicionalista, mais do que nunca é ele dominado pelo sentido político da sua vocação poética em "Roubo de Europa". Amostra-o a própria escolha do mito poemático.

Entre os poetas gregos é Hesíodo quem primeiro nos traz a geneologia de *Europa* em sua *Teogonia*, localizando-a entre as Oceânides. Não pertence, porém, a essa o nosso assunto. Refere-se o rapto à filha do rei Agenor Fenício, também chamada Europa, cuja mítica história descreve Moscos Sículo em 162 versos, 10 menos que no poema simbólico de Sardinha. Recompõe Ovídio nas *Metamorfoses* o mito.



Virgem princesa, filha de Agenor, rei da Fenícia, sonha Europa premonitòriamente que a disputem duas terras, duas Damas no sonho, uma a Ásia, parenta sua, outra um continente ignoto. Assusta-se com o presságio. Passeando ela a sua estonteadora beleza pela praia fenícia, morre-se de amor à donzela o divino Zeus que, tomando a forma de touro, um touro de maneiras humanas, a arrebatada do meio das colegas levando-a ao mesmo tempo desventurosa e venturosa mar adentro para a ilha de Creta, onde Zeus desmascarando-se se lhe revela: — Nada temas: sou Zeus. Amo-te, e é a Creta, ilha onde me criei, que te conduz. Aí te tornarei mãe de nobres filhos que serão todos reis entre os homens.

Desposam-se. Europa foi feliz e teve muitos filhos.

Assim reza o mito. O mito conta o passado e revela o futuro. A sabedoria antiga casa a História com a profecia. Um deus roubou a Europa à Ásia. E podemos dizer que o livro de Gonzague de Reynold, "*Qu'est-ce que l'Europe? Formation de l'Europe*" (Egloff, Friburgo, et Luf, Paris), desenvolve em termos históricos o mito grego.

E o nosso Sardinha? Ouçamo-lo aedo dos tempos novos:

Roubo de Europa... No azulejo antigo  
ficou memória ingénua desse caso.  
Juntam-se as aias a chorar consigo  
e o mar alonga-se, infinito e raso.

E' a cena da praia, quando o touro rapta Europa.

O mar alonga-se, infinito e plano.  
Galopa o touro as ondas sem receio.  
Onde é que irá, ó grande Padre-Oceano?  
Onde é que irá? E donde é que ele veio?

Somos tentados a ver no TOURO de Sardinha o destino a levar a Europa pelos mares. Aonde é que irá? Se ele é o destino de Europa, se roubou Europa à Ásia, que mais há-de fazer senão casar o destino grego de Creta com a vocação romana do Lácio? E, se é Zeus o Touro, só o *Fatum* poderá ter

mão nêle e guiá-lo segundo a própria teogonia grega. Foi daí que ele veio. Confirma-se, por conseguinte, "o apertado laço que (segundo Almeida Braga) prende a poesia de Sardinha aos seus ensaios de história, de crítica e de filosofia política". E lá diz, lógicamente, o Mestre do Patrianovismo lusitano que, "superior ao nacionalismo peculiar a cada uma das pátrias ocidentais, um património mais amplo se alevanta, a que é imperioso acudir: — a Latinidade" (*A lareira de Castela*, cap. Hispanismo e Latinidade).

Não tem o touro quem no mundo o vença  
— ei-lo correndo, atravessando o mar.

E quem pôde acaso dominar a cavalgada assombrosa da cultura e da civilização greco-romana — Touro anfíbio do *Fatum!* — desde o mar Vermelho até os mares escandinavos e saxónios? "Não tem o touro quem no mundo o vença". Assim realmente se deu, a partir do momento em que ficou superiormente decretado aquilo do verso vergiliano: *Tantas molis erat Romanam condere gentem!*

Estua o Poeta à vista do estranho caso e exclama:

Oh! quem me dera a mim marchar convosco,  
atrás do touro mais da sua presa!

E' que se contamina da festa representada no azulejo antigo:

Há pássaros soltando mil gorjeios.  
E serafins risonhos à mistura  
sopram em tubas, regalados, cheios.  
Sopram em tubas.

Assalta-o repentinamente a dúvida:

... Dentro da minha, que alma se lamenta,  
como as que ficam a chorar na praia!



Per que há-de ele lastimar o roubo de Europa como aquelas cegas companheiras, aquelas aias ignorantes do Fado implacável? Não! Fechará os olhos ao mal aparente, fazendo-se solidário do rapto:

E o toiro avança. Fecho os olhos. Parto!  
Onde é que irei? Mas quem irá comigo?  
Ninguém me julgue já vencido, farto,  
sem ter descanso, atrás do toiro antigo!

Há perfume de rosas no ambiente, flutua no ar uma embaladora canção de Abril. Há uma voz cantando-lhe nas veias. E' a voz do Sangue,

— Voz a princípio mansa, como a prece,  
mas já depois maior que o vendaval!

E o Touro segue levando Europa pelos mares. Já não há lástimas. Mas ele, o Poeta, português que é, começa a sentir dentro em si a presença do oceano encapelado:

Galopa o toiro. . . Tomba a noite densa. . .  
E já não vejo as aias a acenar.  
Mas no meu sangue sinto uma presença,  
sinto a presença dum revolto mar!

Entra de lusitanizar-se o mito no Sangue e na alma do Poeta. Nada demais o fenómeno poético em que escreveria em *Na feira dos mitos*: — "Por efeito das suas luzes, nós verificamos que o milagre de Ourique, tão nitidamente gravado em horas difíceis na consciência de Portugal, não seria mais que um "mito", mas um "mito" com o valor social que Georges Sorel atribui aos mitos. O mito, — diz o filósofo das *Réflexions sur la violence* — é uma expressão de vontades enèrgicamente tomadas e não, como a utopia, a tradução subjectiva duma vaga inquietação sentimental. E' nos mitos que as aspirações fortemente vincadas da alma colectiva se encarnam e consubstanciam, procurando projectar-se mais ao largo, no tempo e no espaço, cheias do desejo veemente que lhes imprime unidade e duração.

"Assim, não existe na história nenhum povo grande, forte, próspero, no qual não se descubram os sentimentos profundos e activos que se revelam por um ideal, uma religião, um mito, uma fé — escreve Vilfredo Pareto. Todo o povo em quem estes sentimentos se enfraquecem está em via de decadência. Muitos povos pequenos tornaram-se grandes porque tinham fé em si próprios. Um povo que perde essa fé encontra-se próximo da ruína".

Ó Padre-Oceano, quem sou eu, errante?  
Ó grande Avô, por que não 'vens dizer-mo?  
À flor das águas segue o toiro adiante  
e o mar é sempre tenebroso e ermo.

Ora, por que padre-Oceano? Por que Pai-Oceano? Naturalmente, recurso da confusão da teogonia de Hesíodo com o idílio de Moscos. Naquela figura-se-nos Europa como oceânide. Filho lusitano da Europa, tem no Padre-Oceano um grande Avô. Não há resposta às suas perguntas. Debalde inquire:

De quem será a ânsia que me anima  
e no meu corpo se encarnou por graça?

Não importa o silêncio. Ele vê. . .

Poema das origens. . .  
Sou vidente,  
de vara de oiro e trípode sagrada.

Assiste, conseguintemente, às idades pelas quais passa a Europa montada no taurino Zeus. Se não, vejamos:

Avança o toiro. . .  
Amanhecer da Terra.  
Florir da Pedra. Aurora dos Metais.  
Europa! Europa! (E a bruma se descerra!)  
Europa! Europa! Aonde é que tu vais?



Assim roubada, onde é que vais, Europa?  
 . . . E o toiro avança. . . E sem parar galopa,  
 atrás do mar que, irado, se levanta.

Já não há parar mais. Lançada no caminho fatal, realizará plenamente o seu destino dominado todo o mundo antigo

— epifania bárbara que assume  
 as rédeas do poder por toda a Esfera!  
 Engrinaldada, já de facho erguido,  
 ó madre antiga dos destinos novos,  
**POR ONDE QUER QUE PASSA O TEU VES-**  
[TIDO  
**DEIXA UM REGUEIRO INDÓMITO DE PO-**  
[VOS!

E surgem continentes, — maravilhas,  
 templos à beira de água, cidadelas. . .  
 E quanto mais parece que te humilhas  
 mais tu de eterna glória te constelas!

Nem sempre, contudo, são triunfos. Por vezes se ergue  
 “um coro imenso, trágico, marinho. . . a pretender sustá-lo no  
 caminho”! “Mas nada o susta!”

Que são p'ra o toiro esses confusos brados  
 com tanto arder nas pálpebras divinas?!

Sem dúvida, Europa centralizada em Roma que ainda  
 vive algo da divindade primitiva, da religião natural que a  
 sustenta, pode resistir aos assaltos da velha Ásia invasora, portadora de trevas:

E clama a treva. . . E, altiva, não te pasmas!  
 E clama a treva, densa, rugidora. . .  
 Onde é que vais seguida de fantasmas?  
 Europa, Europa, onde é que vais, senhora?  
 Onde é que vais? Com fúria os Elementos  
 querem-te impor a noite primitiva.  
 Ó madre antiga dos sorrisos lentos,  
 que a tua graça resplandeça viva!

De À *larcia de Castela* colhemos esta contribuição mais para esclarecimento do assunto que nos empolga: — “Desde que Maurras abriu janelas mais rasgadas no seu nacionalismo, decerto se apercebeu logo que a Latinidade, ainda antes de depurada e vivificada pelo fermento de Cristo, já recebera do génio hispânico um inolvidável e poderosíssimo esforço.

“De Séneca e Lucano aos imperadores Trajano e Teodósio, é a Península Ibérica que transfunde nas várias camadas de Roma o seu sangue moço e seivoso. A aptidão colonizadora dos seus filhos, séculos depois magnificamente afirmada na criação de mais de vinte nacionalidades americanas, cedo se traduz em Trajano lançando os alicerces da moderna Romênia com colonos levados daqui. E não me parece despropositado lembrar que o povo romeno possui no seu idioma um vocábulo, — *dor*, que, sendo inexprimível, só é comparável à nossa *saudade* (“*Je n'ai trouvé le presque équivalent que dans la langue de nos frères, portugais la saudade*”, — diz a poetisa romena Adrio Val na sua conferência *Poètes Roumains*)”.

E ainda voltaremos ao tema, por força da necessidade.

Há algo que faz com que a Europa seja Europa, diversa de todos os continentes.

Herdeira do espírito grego que por sua vez condensou em si todo o melhor do mundo antigo, transculturou-se no feitiço político e pragmático do romano, formando a alma do Ocidente. Diríamos que Roma ensinou os povos a viver de certo modo “ecumênicamente”, em grande estilo, e dessarte preparou o terreno à ecumenicidade católica. Isso, porém, não se deu sem reacção dos velhos demónios:

Protestam as origens dominadas,  
 mas tu, Europa, vence-lhe o tumulto,  
 tão doce e frágil como as alvoradas,  
 cheia no entanto, dum poder oculto!

Esvaziou-se o Céu dos deuses antigos: *Novus ab integro saeculorum nascitur ordo*, prenunciava Virgílio nas éclo-gas. Daí,



Morreu o toiro. . . Onde é que estão as aias?  
Onde ficaram, tristes, acenando?  
Morreu o toiro. . . Avanças, não desmaias  
e é bem maior a força do teu mando.

A Zeus sucede Deus. Cumpre-se a vocação cristã e apostólica da Europa.

Já baptizada, quis-te Deus p'ra filha,  
traçou-te Deus caminhos imortais.  
E vê, Europa: — a tua glória brilha  
por sobre a escuridão e os vendavais!

Conquista para Cristo o mundo do Volga, de Cartago e do Nilo, após integrada na Cristandade que explodiu em fúria santa das catacumbas.

Levas contigo o lábaro de Cristo,  
por Cristo reinarás no mundo inteiro!  
Ó madre antiga, a que milagre assisto,  
— milagre sem segundo nem primeiro!

E não bastava. Povos adustos, remotíssimos, esperavam a unção da Graça. Na Hispânia dos gloriosos Antoninos, luzeiros áureos de Roma, o criancil condado portugalense, novo Lácio e Europa nova, faz-se maior, faz-se Portugal, cavalga os toiros das imperiais caravelas missionárias e, seguida da irmã Castela, alarga a Hispânia e, com esta, a Latinidade e a Cristandade. E di-lo o Poeta:

Sôzinha, nos penhascos do Ocidente,  
ouvindo ao mar o ímpeto brutal,  
pariste longa e dolorosamente  
um moço a quem chamaste Portugal.  
Varão de esforçadíssima linhagem,  
o olhar boiando em não sei que de etéreo,  
não temas, ó Europa, que te ultragem,  
já tens quem te dilate a Fé e o Império!

Tornemos a *À lateira de Castela*, para justificar o poema e fazer honra à assertiva de Almeida Braga:

— “Triunfa o cristianismo na Península e a feição católica do génio hispânico reveste-se de tal universidade que nós quase podemos asseverar ser o *hispanismo*, depois do catolicismo, a base fundamental do conceito de Latinidade. Na Idade Média não só salvámos a civilização dominando o crescer da onda maometana, como transmitimos à restante Europa o que do Oriente viera até à Península em aquisições de cultura por intermédio das escolas e dos filósofos árabes. Os trabalhos recentes do professor Asin Palacios ensinam-nos como Sto. Tomás e como Dante foram intelectualmente nossos tributários.

“Sucedem-se as Descobertas e com elas uma nova dilatação da Cristandade, trazendo-se à ciência novos horizontes e novas soluções. Sem reserva e sem desprimor, nessa hora máxima da história, que Charles Maurras continua adornando com o falso prestígio da Renascença, enquanto os portugueses na Índia feriam o Islamismo pelas costas, impedindo o seu avanço ao coração da Europa Central, e Carlos V limpava de piratas, com a nossa colaboração, o antigo mar latino, e defendia a Igreja dos assaltos da reforma, — em França, Francisco I não hesitava em se aliar ao turco e em pactuar com o protestantismo.

“Por isso nós merecemos um Camões, — intérprete supremo da consciência culta e religiosa daquela época, ao passo que a França, discípula, — acentue-se, — dos nossos humanistas, se contentava consigo própria escutando o diálogo de Ronsard com as Musas à sombra da vinha de mestre Horácio”.

Justo é, pois, concluirmos que “o génio hispânico nas suas duas metades inseparáveis, — Portugal e Castela — constitui, na verdade, pelo carácter universal da sua vocação histórica, a coluna dorsal da Latinidade”.

Eis porém que perde a Europa o seu touro antigo. Despreza o seu mito e o misticismo que o baptizou em Cristo. Daí nasce aquela dualidade, acentuada pelo caríssimo amigo, o douto mestre salamantino Francisco Elías de Tejada, que envolve uma dolorosa oposição: Europa contra Hispânia. Esvaziada a trega Europa de todo o conteúdo cultural e católico que a



identificava, fez-se herege contra si mesma. Ficou nas mãos das Espanhas fiéis o facho do legítimo europeísmo.

Canta desalentado o Vate:

E sigo-te as pisadas, madre Europa,  
mal reprimindo um grito em minha boca.  
Não é agora o toiro quem galopa,  
— és tu que vais em cavalgada louca!

Pois novamente o caos tumultuário  
tenta apagar os dons que tu semeias...  
Ó madre antiga, embora no Calvário,  
não passes o teu facho a mãos alheias.

Europa, onde é que estás, que não te vejo?  
Que perdição sem rumo te conduz?

Dominam-se as "origens dominadas". Quer a Ásia reaver a dama raptada. Aquela que abandonou a Deus nem é mais capaz de voltar a Zeus e os seus deuses mortos. Pésima a corrupção do óptimo. Tornada pagã, é a Europa pior do que os pagãos que nunca se converteram. Quer manter-se e não pode:

Abalas a correr de facho erguido  
— facho que oscila e já não pode mais!

Perdeu a alma, perdeu o fogo interior que Jesus veio trazer à terra.

Onde ficou o lábaro de Cristo?  
Onde deixaste, Europa, a tua flama?

Como poderá sem Cristo, sem cristãos, permanecer a civilização cristã?

Será ela apenas um nome, um vocábulo, um sopro de voz?

E o poema termina com uma súplica do Poeta do Reino Fidelíssimo:

Eis novamente o caos tumultuário  
negando os claros dons que tu semeias...  
Ó madre antiga, embora no Calvário,  
não passes o teu facho a mãos alheias.

